

MULHER NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: ALGUNS APONTAMENTOS PARA O DEBATE

Aline Lago Takahara¹

Ana Maria Pereira Coelho Mendes²

Giullia Paula Rinaldi³

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foca a mulher na educação superior, pois ela já integraliza mais da metade dos alunos de terceiro grau. A mulher que tem acesso à educação superior já é uma realidade – as estatísticas mostram isso.

A participação efetiva da mulher no mercado de trabalho levanta questões sobre as condições desta participação, principalmente ao que se refere às necessidades e demandas. Não se questiona a conquista do espaço que a mulher conseguiu, pois são reconhecidas como legítimas, constituindo-se em direitos. É, também, neste século que tais direitos se apresentam como fundamento da política pública.

Partindo-se da realidade em que a condição de gênero interfere no cotidiano das mulheres, questiona-se: Quais as condições objetivas em que as mulheres fazer um curso superior? A hipótese que orienta este estudo é a de que as condições objetivas da mulher para cursar a educação superior são comprometidas por funções e papéis culturais.

O objetivo do presente estudo é identificar as condições objetivas da mulher para cursar a educação superior são comprometidas por funções e papéis culturais.

¹ Aluna do 10º período de Psicologia da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2015-216). *E-mail*: lioraline@gmail.com

² Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. *E-mail*: anamariacpmendes@gmail.com

³ Mestre em Tecnologia em Saúde pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professora da FAE Centro Universtário. *E-mail*: giulliarinaldi@gmail.com

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nos últimos séculos, o Brasil tem passado por grandes mudanças que têm produzido efeitos sociais impactantes em vários aspectos. Uma dessas grandes mudanças é o papel da mulher na sociedade, pois ela passou a lutar por um espaço que antes lhe era negado, e, aos poucos, tem conseguido cada vez mais postos.

É possível observar que, assim como qualquer mudança traz suas consequências, a entrada da mulher no mercado de trabalho tem levantado muitos debates e movimentado um processo de aceitação e mudança de paradigmas que foram por anos persistentes em nossa cultura (ESPÍNDOLA, 2011).

As atuais funções da mulher exigem que ela se esforce ainda mais para dar conta de todos os afazeres domésticos e profissionais, como no caso da mulher que entra para um curso de graduação.

A entrada da mulher na graduação não levou em conta seus múltiplos papéis perante a sociedade, por isso, todas as suas funções externas ao curso, acabavam por dificultar as atividades acadêmicas (URPIA; SAMPAIO, 2011, p. 159).

Segundo Bonini (2011), no Brasil é possível observar que houve um grande aumento da participação feminina no trabalho e na graduação. Essa participação tem manifestado habilidades femininas que, ao serem recebidas no ambiente de trabalho pelos homens, realçam o potencial masculino. As características femininas em alguns cargos e em determinadas funções permitem uma distinção entre o que as mulheres fazem e o que são capazes de fazer, isso classifica por habilidade de gênero e não diz sobre o que são capazes de desenvolver (MADALOZZO, 2001 apud RICCIARDI, 2007, p. 19).

Essas mudanças e novas configurações não refletem apenas os impactos da economia na vida das pessoas, considerando que essas dimensões não estão desarticuladas, demonstram também algumas alterações simbólicas importantes na reconstrução do ideário da atuação feminina na sociedade, visando atuações sociais mais amplas que permitam a conciliação de vida familiar com a participação na esfera pública, em especial no espaço produtivo (ANDRADE, 2004, p. 84).

A partir das mudanças que ocorrem no processo de aceitação da mulher como líder, um perfil é elaborado no imaginário social que permite uma nova ideia sobre quem é a mulher trabalhando.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa empírica de natureza qualiquantitativa, permeada de uma investigação de pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e análise de dados e resultados.

A interpretação e análise dos dados levantados foi realizada por meio da aplicação de um questionário⁴ adaptado pelas pesquisadoras. A aplicação do questionário foi realizada após a autorização de professores antes do início das aulas. A média de tempo demandada para responder o questionário foi de três a cinco minutos. O instrumento foi composto de 32 questões objetivas. Dos 4.093 alunos matriculados na Instituição de Ensino Superior (IES) investigada, até o momento da coleta, 2.044 eram do sexo feminino. A amostra foi composta por 161 voluntárias que aceitaram responder o instrumento, sem identificação, no início da aula.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A instituição investigada oferta 22 cursos de graduação. Até o mês de junho de 2016, período em que foi realizada a coleta de dados, havia 4.093 alunos matriculados, sendo 2.049 do sexo masculino e 2.044 do sexo feminino. Estes números apontam uma distribuição de praticamente 50 % das vagas ocupadas por mulheres em diferentes cursos.

Para a primeira análise, foram comparados os dados da IES avaliada com os dados disponíveis do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP) de 2009, disponíveis para consulta.

QUADRO 1 – Comparação de dados INEP (2009 e FAE (2016)

10 Maiores Cursos com percentual de Homens e Mulheres segundo INEP (2009)				
Cursos	Feminino % (INEP 2009)	Feminino % (FAE 2016)	Masculino % (INEP 2009)	Masculino % (FAE 2016)
1. Administração	49.2	44.23	50.8	55.77
2. Direito	48.9	57.08	51.1	42.92
3. Pedagogia	91.3	95.21	8.7	4.79
4. Engenharia	20.3	21.48	79.7	78.52
5. Comunicação Social	56.6	48.65	43.4	51.35
6. Letras	80	75.61	20	24.39
7. Ciências Contábeis	50.07	49.59	49.93	50.41
8. Educação Física	43.1	–	56.9	–
9. Enfermagem	82.9	–	17.1	–
10. Ciência da Computação	18.8	–	81.2	–

FONTE: As autoras (2016)

⁴ Esse instrumento foi elaborado com base em Guimarães (2003).

Os resultados encontrados para esta comparação foram que entre os dez maiores cursos com percentual de homens e mulheres, segundo o INEP (2009), a IES avaliada oferta vagas para a graduação em sete cursos dos dez indicados pelo INEP (2009).

No estudo de Queiroz (2001), a observação por gênero do contingente matriculado na UFBA, no período investigado (1997), mostra que as mulheres estão representadas em proporção próxima a dos homens, em quase todos os anos da série, confirmando o que já havia sido apontado por Rosemberg (1994 apud QUEIROZ, 2001), ou seja, o gênero já não representa um problema para o acesso ao ensino superior.

O estudo de Ávila e Portes (2009) aponta dados sobre a reincidência, ao longo dos últimos 15 anos, dos baixos índices de matrícula de mulheres nos cursos de Engenharia (20,3%) – resultados que corroboram com os achados nesta pesquisa. Para os autores, esses dados refletem como, do ponto de vista das relações de gênero, as preferências quanto à escolha dos cursos foram se construindo ao longo do processo de escolarização dos sujeitos femininos e masculinos, dando origem a áreas demarcadas como mais “femininas”, como a das ciências humanas, bem como a maior parte dos cursos da saúde; ou mais “masculinas”, como cursos da área das ciências exatas, bem como carreiras tecnológicas.

Para a segunda análise foram estudados os dados levantados por meio da aplicação de um instrumento adaptado de Guimarães (2003) em sua tese de doutorado intitulada *Por que hoje no Brasil mais mulheres buscam o ensino superior? Trajetórias educacionais, família e casamento em questão*. Nesse estudo a autora avalia questões sociais e o perfil da mulher no ensino superior. Dessa forma, foi realizada uma adaptação, preservando as questões que seriam aplicadas à realidade da instituição investigada.

Ao serem questionadas sobre o motivo principal da procura pelo ensino superior, 66,01% das participantes consideraram que complementar sua formação é o principal objetivo. No entanto, das 36 participantes que precisaram parar de estudar, 13 o fizeram porque necessitavam trabalhar e 7 porque engravidaram.

Com relação à oportunidade entre mulheres e homens, 86,5% respondeu que não há igualdade entre gêneros, considerando que nas relações de trabalho houve uma maioria de 79 marcações, e em uma segunda maioria 34 mulheres marcaram essa distinção na hora de procurar um emprego. Já as participantes que não consideram que há distinção entre mulheres e homens, mencionam que assim afirmam porque nunca foram discriminadas.

A diferença em percentuais entre homens e mulheres na instituição investigada foi de 6% de matrículas nos diferentes cursos. Os achados corroboram com o encontrado por Ávila e Portes (2009, p. 94) “embora as mulheres não sejam maioria, a distância com relação à porcentagem de homens é pequena”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados encontrados neste estudo ratificam as conclusões de outras pesquisas no sentido de que apesar de as mulheres terem conquistado novas posições sociais, elas ainda representam diferentes papéis na sociedade, papéis que as impedem de ter direitos e oportunidades iguais aos homens.

Com relação ao acesso à escolarização no ensino superior, as mulheres representam a maioria de ingressantes nos vestibulares, porém ainda não a maioria no critério concluintes. Esses resultados refletem nos papéis da mulher na família, visto que em muitos casos abre mão de seus estudos em razão do trabalho e sustento do lar.

Foi possível perceber que as escolhas para cursos de ensino superior das mulheres avaliadas, ainda se enquadram nas opções postas como “profissões femininas”, provavelmente pela cultura enraizada pela história de nosso país.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. R. de. **Para além do “teto de vidro”**: o trabalho feminino e as representações do “ideal” de mulher executiva. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

ÁVILA, R. C.; PORTES, E. A. Notas sobre a mulher contemporânea no ensino superior. **Mal-estar e Sociedade**, Barbacena, v. 2, n. 2, p. 91-106, jun. 2009.

BARROSO, C. L. M.; MELLO, G. N. O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 15, p. 47-77, dez. 1975. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/278.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2015.

BONINI, A. Jornal escolar: gêneros e letramento midiático no ensino-aprendizagem de linguagem. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 149-175, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v11n1/v11n1a09>>. Acesso em: 2 maio 2016.

BORSA, J. C; FEIL, C. F. O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão. **Psicologia**, Rio Grande do Sul, jun. 2008. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0419.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2016.

CANABARRO, J. R. S.; SALVAGNI, J. Mulheres líderes: as desigualdades de gênero, carreira e família nas organizações de trabalho. **Revista de Gestão e Secretariado**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 88-110, maio/ago. 2015. Disponível em: <<https://www.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/347>>. Acesso em: 9 ago. 2016.

CASTELLS, M. Hacia el estado red? Globalizacioneconomica e instituciones politicas en la era de la informacion. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL: SOCIEDADE E A REFORMA DO ESTADO, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo, 1998. Disponível em: <<http://raceadm3.nuca.ie.ufrj.br/buscarace/Docs/mcastells1.pdf>>. Acesso em: 9 ago. 2016.

DI PIETRO, M. S. Z. Cidadão e sua defesa: A “res publica” e sua defesa. **Revista do Serviço Público**, Brasília, v. 49, n. 2, abr./jun. 1998.

DRAIBE, S. M. Uma nova institucionalidade das políticas sociais? Reflexões a propósito da experiência latino-americana recente de reformas dos programas sociais. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 3-21, out./dez. 1997.

DURHAM, E. R. **Família e reprodução humana**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1983.

ESPÍNDOLA, G. **A trajetória do poder da mulher**: do lar ao mercado de trabalho. 2011. Disponível em: <<http://docslide.com.br/education/a-trajetoria-do-poder-da-mulher-do-lar-ao-mercado-de-trabalho.html>>. Acesso em: 15 maio 2015.

FERARRI, T. **Mulheres são a maioria nas universidades**. 2013. Disponível em: <<http://www.une.org.br/2013/01/mulheres-sao-a-maioria-nas-universidades>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, A. L. **Por que hoje no Brasil mais mulheres buscam o ensino superior?**

Trajéorias educacionais, família e casamento em questão. 2003. 344f. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2003.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Censo da Educação Superior 2010. Divulgação dos principais resultados do Censo da Educação Superior 2010. Brasília: Ministério da Educação, 2011. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2010/divulgacao_censo_2010.pdf>. Acesso: 15 março 2016.

_____. **Resumo Técnico.** Censo do Ensino Superior de 2009. Brasília: Ministério da Educação, 2009. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2009/resumo_tecnico_2009.pdf>. Acesso: 15 março 2016.

_____. **Mulheres estão em maior número na educação superior.** 2009. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/cjournal/view_article_content?groupId=10%20157&articleId=13337&version=1.0>. Acesso em: 9 ago. 2016.

MARTINS, L. Economia e instituições políticas: o desafio da articulação. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL: SOCIEDADE E A REFORMA DO ESTADO, 48., São Paulo. **Anais...** São Paulo, 1998.

MENDES, A. M. C. P. et al. **Trabalhos acadêmicos, normas e orientações.** 3. ed. Curitiba: FAE Centro Universitário, 2012.

PATTI, E. A. de M. R. **O que pode uma mulher:** sexualidade, educação e trabalho. Franca: UNESP, 2004.

QUEIROZ, D. O acesso ao ensino superior: gênero e raça. **Caderno CRH**, Salvador, v. 14, n. 34, p. 175-197, jan./jun. 2001.

RIBEIRO, A. I. M. Mulheres e educação no Brasil-colônia: histórias entrecruzadas. **Revista HISTEDBR**, v. 1, p. 1-26, 2007. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_021.html>. Acesso em: 9 ago. 2016.

RICCIARDI, A. Os 11 talentos femininos. **Revista Vida Executiva**, São Paulo, v. 4, n. 38, p. 16-20, jun. 2007.

ROCHA-COUTINHO, M. L.; COUTINHO, R. R. Mulheres brasileiras em posições de liderança: novas perspectivas para antigos desafios. **Economia Global e Gestão**, Lisboa, v. 16, n. 1, p. 61- 79, abr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-74442011000100005>. Acesso em: 9 ago. 2016.

ROSEMBERG, F.; MADSEN, N. Educação formal, mulheres e gênero no Brasil contemporâneo. In: BARSTED, L. L.; PITANGUY, J. (Org.). **O progresso das mulheres no Brasil 2003-2010.** Rio de Janeiro; Brasília: Unesco, 2011. v. 1. p. 390-433.

SILVA, A. **INEP divulga estudo atualizado da participação das mulheres na educação superior**. Mar. 2007. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/c/journal/view_article_content?groupid=10157&articleid=16432&version=1.0>. Acesso em: 10 maio 2015.

SILVA, C. N. R. et al. As mulheres no mercado de trabalho. **Iniciação Científica**, Varginha, v. 1, n. 8, p. 25-36, jan./dez. 2010.

SOARES, J. dos S.; CARVALHO, A. M. Mulher e mãe, “novos papéis”, velhas exigências: experiência de psicoterapia breve grupal. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. esp., p. 39-44, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300006>. Acesso em: 9 ago. 2016.

URPIA, A. M. O.; SAMPAIO, S. M. R. Mães e universitárias: transitando para a vida adulta. In: SAMPAIO, S. M. R. (Org). **Observatório da vida estudantil: primeiros estudos**. Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/n656x/pdf/sampaio-9788523212117-09.pdf>>. Acesso em: 9 ago. 2016.